

JACK DEERE



SURPREENDIDO
pelo PODER *do*
ESPÍRITO

*Descubra como Deus continua a
falar e a curar nos dias de hoje*

sanktō

Copyright © 2022 por Jack Deere

Título do original em inglês: *Surprised by the Power of the Spirit*, Zondervan Publishing House, Grand Rapids, Michigan

Primeira edição em inglês: 1993

Todos os direitos desta publicação reservados à Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA. Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização, salvo como referência de pesquisa ou citação acompanhada da respectiva indicação. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n.9.610/98 e punido pelo artigo 194 do Código Penal.

Este texto é de responsabilidade do autor e não reflete necessariamente a opinião da Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora LTDA.

Diretor Executivo

Guther Faggion

Diretor de Operações

Jardel Nascimento

Diretor Financeiro

Nilson Roberto da Silva

Editora Executiva

Renata Sturm

Editora

Gabriela Castro

Tradução

João Marques Bentes

Revisão

Laura Folgueira, Vanessa Nagayoshi

Direção de Arte

Rafael Bersi, Matheus Costa

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA – CRB-8/7057

DEERE, Jack

Surpreendido pelo poder do Espírito: descubra como Deus continua a falar e a curar nos dias de hoje/ Jack Deere; tradução de João Marques Bentes.
São Paulo: Maquinaria Sankto Editora e Distribuidora Ltda, 2022.

352p. Bibliografia.

ISBN 978-65-88370-43-8

Título original: : Surprised by the Power of the Spirit.

1. Cura pela fé 2. Dons espirituais I. Título II. Bentes, João Marques
22-1071

CDD-234.13

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Cura pela fé

sankto

Rua Leonardo Nunes, 194, Vila Clementino
São Paulo/SP, CEP: 04039-010
www.sankto.com.br

JACK DEERE



SURPREENDIDO
pelo PODER do
ESPÍRITO

*Descubra como Deus continua a
falar e a curar nos dias de hoje*

sanktō

SUMÁRIO

Agradecimentos	7
CHOCADO e SURPREENDIDO	9
A chamada telefônica que mudou minha vida	11
Surpreendido pelo Espírito Santo	25
Sinais e membros de Wimber	35
CONCEPÇÕES DESPEDAÇADAS	47
O mito da pura objetividade bíblica	49
Por que muitos crentes não creem nos dons espirituais?	65
Reagindo aos abusos espirituais	91
Assustados até a alma pelo Espírito Santo	103
Eram os milagres temporários?	117
Por que Deus cura?	137
Por que Deus concede dons miraculosos?	155
Por que Deus não cura?	169
BUSCANDO OS DONS e O DOADOR	187
Buscando os dons com diligência	189
Paixão por Deus	205
Desenvolvendo o amor e o poder	223
Epílogo: Ouvindo Deus falar no dia de hoje	239
Apêndice A: Outras razões pelas quais Deus cura e opera milagres	248
Apêndice B: Os dons espirituais cessaram com os apóstolos?	260
Apêndice C: Houve somente três períodos de milagres?	293
Notas	309

CHOCADO *e*
SURPREENDIDO

A CHAMADA TELEFÔNICA *que* MUDOU *minha* VIDA

Nas minhas mais indisciplinadas fantasias, eu jamais teria sonhado que uma simples chamada telefônica alteraria o curso de minha vida – e não somente a minha, mas também de numerosas pessoas ao meu redor.

Antes daquela chamada, eu sabia para onde me estava dirigindo. Minha vida era ao mesmo tempo confortável e segura. Eu estava no controle e gostava dela daquele modo. A maior parte do tempo, eu percebia o que Deus estava fazendo. Mas, quando tornei a depositar o fone no gancho, naquele dia frio de janeiro de 1986, tudo mudou abruptamente. Eu já não sabia para onde ir nem o que Deus faria.

Conforme as coisas aconteceram, minha vida nunca mais seria a mesma após aquela conversa telefônica. Eu nunca mais sentiria o consolo e a segurança de pensar que estava no controle de minha própria vida. Uma falsa segurança – hoje o sei –, mas é bom viver sob o fantasma dessa ilusão. Caso eu soubesse da dor e do trauma que jaziam a minha frente, jamais teria pegado aquele telefone. Mas então teria acontecido conforme as palavras de um cântico popular interiorano: “Eu teria perdido a dança”, e isso constituiria uma dor maior ainda.

Eu era o mais improvável candidato do mundo à “brincadeira” que Deus estava prestes a fazer comigo. Eu estava completando meu

décimo ano como professor no departamento de Antigo Testamento do Seminário Teológico de Dallas e o sétimo como pastor em uma igreja bíblica que eu ajudara a começar, em Fort Worth. No outono anterior, eu retornara com minha família de uma ausência de ano inteiro para estudar na Alemanha. Tinha sido um ano maravilhoso, e eu estava animado pelo retorno ao ensino e aos meus deveres pastorais.

Minha principal paixão consistia em ensinar e pregar a Palavra de Deus. Eu acreditava que a coisa mais importante na vida era estudar a Palavra de Deus e que a maioria de nossas necessidades – ou, pelo menos, a mais importante – poderia ser satisfeita por meio do estudo das Escrituras. Se tal necessidade não pudesse ser satisfeita desse modo, então estaríamos em dificuldades, pois eu havia abraçado um sistema teológico que não deixava muito espaço para Deus nos ajudar. O Deus no qual eu acreditava e a respeito do qual ensinava não estaria tão envolvido em nossas vidas como o fora nas vidas dos crentes do Novo Testamento. Na ocasião, isso não me preocupava muito, porque eu pensava que ele mesmo preferia as coisas dessa maneira. Acreditava que ele fizera as mudanças. Para dizer a verdade, imaginava que Deus respondia a orações, mas somente a certos tipos de oração.

Exemplificando, eu estava convencido de que Deus não concedia mais os dons miraculosos do Espírito; não havia necessidade deles. Agora tínhamos a Bíblia completa. Naturalmente, Deus algumas vezes fazia milagres. Afinal, ele é Deus e pode fazer qualquer coisa que desejar. Simplesmente, ele não fazia as coisas com tanta frequência. De fato, as fazia tão raramente que, durante todos os meus anos como crente, eu não poderia apontar um único milagre de cura confiadamente resultante do poder de Deus. Eu nem ao menos tinha *ouvido* falar em algum milagre

desses! Também não podia apontar um milagre historicamente comprovado, após a morte dos apóstolos, excetuando-se a conversão, que eu acreditava, como até hoje, ser o maior dos milagres. Além da conversão, minhas experiências mais próximas de um milagre eram respostas a orações, especialmente acerca de necessidades financeiras, por demais específicas para serem relegadas a meras coincidências.

A ausência de milagres em minha experiência, contudo, não me perturbava, porque eu estava convicto de que Deus operara essa mudança. Eu tinha a confiança de poder provar pelas Escrituras, pela teologia e pelo testemunho da história eclesiástica que Deus suspendera os dons sobrenaturais do Espírito Santo.

Também confiava que Deus não mais falava conosco, exceto por meio de sua Palavra escrita. Sonhos, visões, impressões interiores e coisas similares eram-me tão subjetivas e ambíguas que chegavam a nausear-me. Soava-me como terrível afetação quando um de meus alunos me confidenciava: “Deus falou comigo e...”. Dificilmente alguma coisa poderia provocar uma repreensão mais rápida e amarga do que a declaração: “Deus falou comigo”. Para mim, qualquer palavra que se seguisse a tal declaração teria autoridade idêntica à das Escrituras. Isso me parecia não somente presunção, mas uma blasfêmia! Eu gostava de lançar no ridículo pessoas que diziam que Deus lhes falara.

Como o leitor já deve ter sentido, eu não era o tipo de crente que procurava “algo mais” da parte de Deus. Não precisava de milagres de cura. Minha família e eu sempre havíamos gozado de boa saúde, e, nas raras ocasiões em que precisávamos de alguns curativos ou um pouco de medicina, os médicos da família eram mais do que suficientes. A nossa congregação era jovem, e pouquíssimas mortes haviam ocorrido

em sete anos de história. Curas divinas não apareciam na nossa lista de prioridades.

Por certo eu não precisava que Deus falasse comigo sobre os métodos subjetivos que ele usava com as pessoas da Bíblia. Afinal, *agora eu dispunha da Bíblia* e era uma daquelas poucas pessoas que contava com uma teologia excepcionalmente boa. Não, nem eu, nem meu círculo de amigos procurávamos “algo mais”. Quando havia algum problema, era como se eu desse mais de mim mesmo a Deus.

Minha esposa, todavia, tinha um ponto de vista diferente do meu. De fato, se existe alguma razão humana pela qual eu tenha recebido aquela chamada telefônica, poderia atribuí-la as suas orações por mim. Leesa é uma dessas poucas pessoas que *vivem* a vida cristã, em vez de falar sobre ela. Ela preferia passar uma hora orando por alguém a repreendê-lo por dois minutos por causa de algum pecado. Embora não dissesse, ela sentia que me faltava ainda alguma coisa da parte de Deus.

Durante o ano em que vivemos na Alemanha (1984–85), ela costumava fazer passeios de cerca de duas horas, todas as tardes, nas colinas da Floresta Negra. Quando eu lhe perguntava sobre seus passeios, ela me dizia que estava orando. Nunca lhe perguntei pelo que estava orando, e ela nunca me disse nada, mas a verdade é que orava por mim. No decurso dos anos, ela tinha visto minha paixão por Deus ressecar-se lentamente, como os reservatórios do sul da Califórnia durante a seca. Eu não tinha consciência de estar perdendo a paixão por Deus. Pensava apenas que tinha crescido. Mas ela temia que eu tivesse tornado complacente e satisfeito comigo mesmo. Via minhas atitudes como se um inimigo de Deus estivesse chamando a nossa vida. Sempre vou acreditar que foram

as orações de Leesa que levaram Deus a fazer com que um homem, do outro lado do país, pegasse um telefone e chamasse o meu número.

Nos fins do outono de 1985, a liderança de minha igreja resolveu que teríamos uma conferência bíblica de primavera. Após uma reunião, o presidente da junta de anciãos me perguntou quem eu gostaria que fosse o orador da conferência. Sem hesitação, respondi que gostaria de convidar o Dr. John White, psiquiatra britânico e escritor evangélico. Minha esposa e eu havíamos lido os quinze livros que ele escreveu.

Era meu escritor popular favorito, e eu estava absolutamente certo de que ele faria um maravilhoso trabalho. Sabia, por meio de seus escritos, que ele tinha a Palavra de Deus em elevada estima, sendo um homem inteligente, com muita experiência nas áreas práticas da vida cristã. E eu havia descoberto excelentes indícios de que ele era também um dispensacionalista. (De fato, havia algo dos Irmãos de Plymouth em sua formação.) Vínhamos usando seus livros havia anos em nossa escola dominical. O presidente da junta de anciãos concordou imediatamente com a minha sugestão.

No dia seguinte, contatamos por telefone o editor do Dr. White, para descobrir como trazê-lo a nossa igreja. O editor disse-nos que o mais provável seria o Dr. White não aceitar nosso convite, porque sua agenda estava repleta pelos dezoito meses seguintes. Nossa única chance seria pedir-lhe para falar de algum assunto sobre o qual estivesse escrevendo, visto que ele não gostava de falar de coisas que já havia escrito. O editor deu-nos algumas dicas para nos aproximarmos do Dr. White, mas não um grande encorajamento. Nosso presidente enviou-lhe um convite por meio do editor, mas logo recebeu uma polida carta do Dr. White recusando o convite.

Por alguma razão, eu ainda não estava preparado para desistir. Escrevi ao Dr. White uma carta pessoal, rogando-lhe que viesse. Poucos dias após ter escrito a carta, recebi a chamada telefônica que alterou a direção de minha vida e de meu ministério.

A chamada foi do Dr. White. Fiquei chocado pelo fato de ele ter me ligado, e mais chocado ainda por ter sido tão rapidamente. Ele disse: “Alô, Jack, é o John White. Quero agradecer-lhe por ter me convidado para sua conferência bíblica de primavera. Acredito que seria capaz de trabalhar nessa conferência. Sobre o que você gostaria que eu falasse?”.

Armado com as informações do editor, repliquei: “Ah, não sei. Que tal alguma coisa sobre a qual você esteja escrevendo ou pesquisando atualmente?”.

“Bem, estou trabalhando em um livro sobre o Reino de Deus. Que tal lhe parece?”

“Isso é maravilhoso! Gostamos do Reino de Deus aqui.” Então pensei: *Ótimo! Teremos uma conferência profética: diferentes pontos de vista sobre o Milênio ou variados conceitos do Reino em diferentes campos teológicos.*

Acrescentei: “Ora, você e eu sabemos o que é o Reino de Deus, mas terei de dar um relatório aos anciãos sobre as conferências que você pretende dar sobre o Reino. Gostaríamos de ter quatro conferências para o fim da semana. Como você gostaria de dividi-las?”.

Ele replicou: “Quando penso sobre o Reino de Deus, penso acima de tudo sobre a autoridade de Cristo. Se você quer que eu dê quatro preleções, penso que gostaria de oferecer algo assim: a primeira seria a autoridade de Cristo sobre as tentações”.

“Certo”, respondi.

“A segunda, a autoridade de Cristo sobre o pecado.”

“Bom.”

“A terceira, a autoridade de Cristo sobre os demônios.”

Hummm, pensei, demônios? Bem, penso que devem existir demônios em algum lugar. Certamente havia muitos deles no primeiro século. (Para onde eles teriam ido depois disso?) E acredito que, se ainda houver demônios soltos, Cristo deve ter autoridade sobre eles. Essa seria uma preleção interessante, ainda que não revestida de muita relevância prática.

Concordei: “Bem... por certo... ok”.

“E a quarta preleção seria a autoridade de Cristo sobre as doenças”, finalizou.

“Doenças!”, exclamei, procurando restringir a tensão em minha voz. Certamente eu o tinha compreendido mal. “Você não disse *doença*, disse?”

“Sim, foi isso que eu disse.”

“Você não está falando sobre *curas*, está?” Quase cuspi fora a palavra “curas”. Eu tinha desdém por qualquer coisa que tivesse a ver com curas.

“Bem, sim. Estou.”

Quase não pude acreditar em meus ouvidos. Até alguns momentos, eu estava certo de que o Dr. White era uma pessoa sã, de sólida formação teológica, um homem inteligente. Mas agora estava falando sobre curas!

Ele é psiquiatra, raciocinei. Talvez “curas” se refiram a alguma espécie de psicoterapia. Por conseguinte, indaguei: “Você não está falando sobre curas *físicas*, está?”

“Bem, não estaria me limitando a curas físicas”, explicou-me, “mas incluindo curas físicas”.

“Você deve estar brincando! Certamente você sabe que Deus não está mais curando e que os dons miraculosos do Espírito passaram quando

o último dos apóstolos morreu. Por certo você sabe disso, não é?” Eu jamais havia encontrado uma pessoa a quem eu considerasse inteligente que não soubesse disso.

O Dr. White não me deu resposta. Pensei: *Bem, talvez ele seja um tanto fraco nessa área. Afinal, não é um teólogo treinado, apenas um psiquiatra.* Tomei o silêncio dele como uma espera para que eu provasse pela Bíblia minha afirmação.

Portanto, disse-lhe: “Sabemos que o dom de curar passou porque, ao olharmos para o ministério dos apóstolos, vemos que eles curavam completa e instantaneamente, de modo irreversível, e que todos aqueles por quem oravam eram curados. Não vemos mais esse tipo de cura hoje, mesmo em movimentos ou grupos que reivindicam possuir poderes de cura. Bem pelo contrário, o que vemos nesses grupos são curas graduais, parciais, que algumas vezes não ocorrem – muitas pessoas nunca são curadas. Sabemos, portanto, que o tipo de cura que acontece hoje não é o mesmo da Bíblia”.

“Você acha que toda instância em que os apóstolos oraram por alguém ficou registrada nas Escrituras?”, perguntou o Dr. White.

Pensei por alguns momentos e respondi: “Naturalmente que não. Temos apenas uma pequena fração do ministério deles e do ministério de Jesus registrada nas páginas do Novo Testamento”.

“Então, não é possível que tenham orado por alguém, e esse alguém não tenha sido curado, e que isso apenas não esteja registrado nas Escrituras?”

Tive de concordar, porque a Bíblia não registra todas às vezes em que os apóstolos oraram por pessoas. E é possível que em algumas oportunidades elas não tenham sido curadas.

O Dr. White acabara de apanhar-me num erro de interpretação. Eu havia usado um argumento baseado no silêncio. Ora, isso era uma coisa

que eu ensinava cuidadosamente aos meus alunos a não fazerem nunca. Quando o assunto dos dons do Espírito vinha à tona, por exemplo, um dos estudantes poderia dizer: “Você não precisa falar em línguas para ser um homem espiritual, porque Cristo nunca falou em línguas”. Então eu perguntava: “Como você sabe que Cristo nunca falou em línguas?”. E aquele aluno retrucava: “Porque as Escrituras não dizem que ele falou em línguas”. E eu imediatamente corrigia o aluno, lembrando-lhe que não se pode usar o que as Escrituras não dizem como argumento. Por exemplo, as Escrituras *não nos dizem* que Pedro tinha filhos, mas isso não justifica concluir, pelo silêncio da Bíblia, que ele não tinha filhos. Esse é o argumento do silêncio.

No entanto, eu acabara de usar o mesmo argumento com o Dr. White, e me sentia envergonhado. Permanecia convicto, porém, de que estava com a razão. Eu tinha quatro outros argumentos bíblicos, alinhados e preparados para sair, mas pensei que deveria mostrar-me mais cuidadoso desta vez. Não queria ser apanhado em um outro erro.

Meu próximo argumento seria que o apóstolo Paulo, no fim de sua vida, não pode curar Epafrodito (Filipenses 2:25-27), nem Trófimo (2Timóteo 4:20), nem as frequentes enfermidades de Timóteo (1Timóteo 5:23). Para mim, esta era a prova de que o dom de curas tinha abandonado o apóstolo Paulo ou estava no processo de deixá-lo. Mas pensei: *o que eu responderia a esse argumento se eu tomasse a posição do Dr. White? Simplesmente diria que esses três incidentes provam que nem todos por quem os apóstolos oravam eram curados!* Isso me atingiu como um tiro de magnum 44. Minha segunda prova não provava coisa alguma!

E, quando examinei os três argumentos que ainda tinha para usar, descobri que havia neles algo de errado. Nos debates teológicos, eu procurava colocar-me no lugar do oponente e examinava pela sua perspectiva, de

maneira bem crítica, os meus argumentos, procurando pontos fracos ou de evasão. Mas minha crença cessacionista nunca havia sido seriamente desafiada. Jamais precisara examinar esses argumentos tão de perto, porque todos os que faziam parte do meu círculo aceitavam-nos sem discutir.

Apesar de ainda acreditar que estava com a razão, exasperei-me por encontrar erros em meus argumentos. Portanto, apenas deixei escapar para o Dr. White: “Bem, você já viu alguém ser curado?”.

“Ah, sim”, respondeu ele com voz tranquila. Ele não queria debater comigo. Nada tinha para vender-me. De fato, era eu quem estava procurando trazê-lo a nossa igreja. Portanto, ele apenas disse: “Ah, sim”, mas não ofereceu exemplos.

Tomando de novo a ofensiva, pedi-lhe: “Conte-me sua cura espetacular mais recente”.

“Não estou certo sobre o que você quer dizer com espetacular, mas lhe contarei duas curas recentes que me impressionaram.” Então, contou-me de uma criança pequena, na Malásia, que estava coberta com eczemas, da cabeça à ponta do pé. Aeczema estava crua em alguns lugares e soltava um líquido. Tal era o desconforto da criança que ela havia mantido os pais acordados nas últimas 36 horas. Agia de maneira tão selvagem que tiveram de agarrá-la para orar por ela.

Assim que o Dr. White e sua esposa, Lorrie, impuseram-lhe as mãos, a criança caiu no sono. Vinte minutos após a oração, a limosidade parou, e a vermelhidão começou a desaparecer. Na manhã seguinte, a pele da criança havia retomado seu aspecto normal. Estava completamente curada. O Dr. White contou-me uma segunda história espetacular de ossos que realmente mudaram sob suas mãos, enquanto ele orava por alguém que tinha uma deformidade.

Depois de ouvir as duas narrativas, concluí: *Há somente duas opções. Ou o Dr. White me está dizendo a verdade, ou está mentindo. Mas ele não está enganado. Ele é médico. De fato, tem sido um professor associado de psiquiatria há treze anos. Já escreveu sobre alucinações e sabe a diferença entre enfermidades orgânicas e psicossomáticas. Ele não está enganado. Ou está me dizendo a verdade, ou está me enganando intencionalmente.*

Pensei sobre isso por alguns momentos. O que ele teria a ganhar me enganando? Ele não estava pedindo para vir a minha igreja; eu é que estava rogando que viesse. Outrossim, tudo em suas maneiras refletiam o Espírito do Senhor Jesus. Eu estava convencido de que ele me dizia a verdade. Estava convicto de que Deus havia curado as duas pessoas sobre as quais ele tinha acabado de falar. Mas também estava convencido de que Deus não concedia mais os dons do Espírito e deveria haver outra explicação para aquelas curas.

Por conseguinte, disse-lhe: “Bem, Dr. White, acredito que o que o senhor me está dizendo é verdade e gostaria que o senhor viesse a minha igreja e apresentasse as quatro preleções, incluindo essa sobre as curas”.

“Há mais uma coisa que precisamos discutir, Jack. Se eu for a sua igreja, eu não gostaria apenas de falar sobre curas. Gostaria também de orar pelos enfermos.”

“Orar pelos enfermos! Você quer dizer *na igreja*?” Eu estava pasmo. Minha mente percorreu rapidamente as alternativas. “Não poderíamos apenas pegar um aleijado ou um cego e ir a alguma saleta isolada onde ninguém soubesse o que estaríamos fazendo ali?” Eu estava certo de que, se orássemos por um enfermo, diante da igreja, e ele não fosse curado, alguém teria sua fé destruída.

“Bem, poderemos trabalhar os detalhes quando eu chegar”, replicou ele. E acrescentou: “Só que eu não gostaria de apenas falar sobre

curas, mas também de orar por algum enfermo, na igreja”. Falou-me com grande gentileza, mas eu sabia que, se não lhe fosse permitido orar pelos enfermos, ele não viria.

Respirei fundo, antes de responder: “Bem, Dr. White, eu realmente quero que o senhor venha e apresente as preleções, e aceito que ore pelos enfermos de minha igreja, mas isso não depende só de mim. Os demais pastores e anciãos têm de concordar antes que tornemos o convite oficial. E não estou certo de como reagirão a essa sugestão”.

“Compreendo seus temores, Jack, bem como os temores deles. Se você quiser retirar o convite, não me sentirei ofendido. Apenas tomarei tudo como a vontade do Senhor.”

Despedimo-nos, e dali fui diretamente para a reunião dos anciãos. Anunciei aos anciãos e pastores que tinha boas e más notícias. As boas eram que o Dr. John White havia reconsiderado nosso convite para as conferências bíblicas da primavera e decidira aceitá-lo. Todos ficaram satisfeitos.

“E quais são as más novas?”, quiseram saber.

“Ele quer dar algumas conferências sobre curas e orar pelos enfermos, em nossa igreja.”

“O senhor está brincando!”

“Foi o que respondi a ele.”

Nas duas horas seguintes, discutimos se era mesmo aconselhável trazer o Dr. White para nossa conferência. Ao término do debate, quando cada um já dera sua opinião, um dos homens declarou: “Essa conferência pode dividir a nossa igreja”.

Minha palavra final sobre o assunto foi: “Penso que devemos ter essa conferência, mesmo que venha a dividir a igreja. Olhemos a questão

por este prisma: iniciamos esta igreja com apenas um punhado de gente. Se nossa igreja dividir-se, suponho que poderemos começar outra com apenas um punhado de gente, se for necessário”. Conforme as coisas ocorreram, Deus usou até mesmo minha aparente insensibilidade para realizar seu propósito.

A conversa com o Dr. White e a reunião subsequente com os anciãos tiveram lugar em janeiro de 1986. Decidimos unanimemente convidar o Dr. White e confirmar a conferência para abril, embora estivéssemos certos de que os dons miraculosos do Espírito Santo já houvessem cessado.

Passei boa parte do tempo, de janeiro a abril daquele ano, estudando as Escrituras, a fim de descobrir o que elas dizem sobre curas e dons do Espírito. Na primeira vez em que estudara o assunto, não o fizera de mente aberta e franca. Homens piedosos e brilhantes haviam me dito que a Bíblia ensina que os dons do Espírito cessaram com a morte do último dos apóstolos, e que Deus só fala por meio de sua Palavra escrita hoje em dia. Disseram-me que Deus não está mais curando e levaram-me a crer nas curas como algo raro, não mais um aspecto significativo do ministério da Igreja.

Portanto, eu não estudara as Escrituras para descobrir realmente o que elas ensinam sobre curas e dons do Espírito. Antes, procurava recolher mais razões por que Deus não mais fazia tais coisas. Agora, porém, questionava todos os meus argumentos cessacionistas à luz do ensino bíblico. E, desta vez, tentei ser tão objetivo quanto podia.

À época da conferência, em abril, minha maneira de pensar sofreu uma radical reversão. Meus estudos convenceram-me de que Deus curaria sempre e que a cura é um aspecto importante no ministério da Igreja. E fiquei convencido de que a Bíblia *não* ensina que os dons do Espírito

já passaram. Nenhum dos argumentos cessacionistas continuava tendo o poder de convencer-me. Eu ainda não sabia se os dons do Espírito eram válidos para o dia de hoje, mas estava certo de que não podia usar as Escrituras para provar que haviam cessado. Também comecei a crer que Deus pode falar a parte das Escrituras, embora nunca em contradição a elas.

Tais descobertas provocaram um cataclismo em meu entendimento. Mas minha maneira de pensar não mudara por eu ter *visto* um milagre ou por ter *ouvido* Deus falar de maneira sobrenatural. Eu não tivera tais experiências. Jamais tivera sonhos, ou visões, ou transes, ou qualquer outra experiência que pudesse identificar como sobrenatural, além da minha experiência de conversão. A mudança em minha maneira de pensar não resultara de qualquer experiência ou fenômeno sobrenatural. *Antes, resultara de um paciente e intenso estudo das Escrituras.*

Quase contra a minha vontade, passei a acreditar que Deus cura e fala hoje em dia. Eu ainda guardava uma significativa repulsa ao dom de línguas. Mesmo que esse dom fosse para hoje, eu não queria ter nada a ver com ele! Não queria participar do que eu considerava um abuso dos movimentos pentecostal e carismático.

Portanto, senti-me crendo em coisas com a minha mente, sem que em meu coração tivesse muita certeza se as queria em minha vida ou na minha igreja. Entretanto, sabia que, se as Escrituras ensinam que as curas e o falar de Deus fora da Bíblia são fenômenos significativos para a igreja, então *tínhamos* de segui-los, mesmo que não os desejássemos. Essas eram as minhas conclusões quando chegou o mês de abril. Nossa conferência estava prestes a começar.